

LENCIONI, Sandra

REGIÃO E GEOGRAFIA. UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

São Paulo: EDUSP, 1999. ISBN: 85-314-0515-7, 214 pp.

Amélia Luisa Damiani*

Esse livro faz parte da trajetória da professora Sandra Lencioni, envolvida, durante muitos anos, com o estudo de Geografia Regional. Seus âmbitos são tanto o ensino e a perspectiva didática, como a produção de conhecimentos e teorias.

Essa obra, portanto, é uma etapa de um longo percurso, que não tem como exigência reproduzir, como absoluto, um segmento da Geografia, embora ele apareça como tese central da pesquisa, inclusive, sendo a mediação nuclear de uma história do pensamento geográfico. Qual a abordagem? Privilegiar a Geografia Regional, reconhecendo-a na textura interna do desenvolvimento da ciência geográfica, como um todo. Resta a impressão de que seria impossível falar da primeira, sem situá-la no interior da segunda.

É evidente, nesse livro, tal dimensão interpretativa: a da relação interna e, ao mesmo tempo, contraditória entre o desenvolvimento da Geografia e aquele da Geografia Regional. A Geografia como totalidade põe a Geografia Regional como todo e parte, simultaneamente, assim como a própria Geografia é sugerida como parte de um conhecimento científico amplo, que absorve, como totalidade que o sintetiza, o conhecimento das ciências naturais e sociais e da filosofia e das matemáticas.

A Geografia Regional, em um determinado momento, aparece como síntese da Geografia Humana e da Geografia Física, na obra dos franceses, assim como na dos norte-americanos. Tal perspectiva vai do fim do século XIX à primeira metade do século XX. Com o tempo, ela, a Geografia Regional, se autonomiza e os campos da Geografia vão se independizando: um acrescentamento analítico, uma análise vertical mais aperfeiçoada, uma vulnerabilidade em processo.

Como analisar essas metamorfoses paradigmáticas?

A autora insiste: só uma perspectiva histórica dá conta de situar o movimento do conhecimento geográfico, inclusive transcendendo a consideração de seus inícios somente como ciência institucionalizada. Percorre a história humana e a pertinência e inserção ativas de um conhecimento geográfico, desde a Antiguidade. A constituição e a realização do mundial vão colocando, ao longo da história, de forma inerente, um saber geográfico. Se hoje, em livros didáticos, esse saber se apresenta sem os nexos concretos, próprios de sua gênese, isso se deve a um processo de vulgarização, que inclui a ocultação da relação intrínseca entre Geografia e realidade prática ou processo de vida. Bem cedo se reconhece o atrelamento

* Profa. Dra. do Departamento de Geografia, FFLCH, USP

entre os interesses políticos dominantes e o conhecimento geográfico por eles enredado. Essa abordagem histórica, que ilumina e move todo o livro, nos leva a refletir: situar esse conhecimento poderia torná-lo mais eficaz como tal, constituindo um processo educativo mais consistente; ele não apareceria, então, apartado da vida?

O livro percorre tenazmente esse ponto de vista: nutrir o conhecimento geográfico e suas transformações, da história que o sustenta. Aspectos estruturais, outros mais conjunturais desfilam como argumento fundante. Certamente, trata-se de uma perspectiva materialista: não é o conhecimento pelo conhecimento, mas ele assentado na vida real e no movimento dos conhecimentos como um todo. Também se trata de um convite: anuncia, por meio das teorias geográficas que apresenta, o aprofundamento lógico-conceitual da ciência geográfica.

Uma lógica do espaço, própria à Geografia, vai ganhando forma e conteúdos renovados. É possível verificar, e foi o objetivo do texto, o embate entre as várias posições, mas também, a cada etapa uma renovação lógica da Geografia se vislumbra. Da Geografia que é noção de totalidade, tendo como parâmetro a superfície terrestre, e recorte ou repartição, definindo uma Geografia Regional potencial, expressão no pensamento do que existe concretamente, sem praticamente mediação – a região aparece como auto-evidente, nos inícios da constituição da disciplina geográfica, sintetizando aspectos físicos e humanos existentes –, para, em um momento posterior, a aproximação com o objeto de estudo ir se tornando mais abstrata –, define-se como seleção de aspectos físicos e humanos, sob a ótica do pesquisador: Hettner e Hartshorne e os neokantianos.

A lógica do espaço avança, não se baseia somente nos recortes, inclui inúmeros fluxos interpostos e sobrepostos e um movimento de polarização e centralização, como formas de irradiação, a partir dos quais se disseminam processos constituídos nos pólos e centros.

Aperfeiçoa-se o estudo das hierarquias espaciais. A compreensão abstrata e lógica se torna absoluta e, sob a influência neopositivista, constituem-se modelos como simulacros e, para os que o fazem, eis a verdade e o potencial do espaço, por seu intermédio. Nesse momento, a relação entre o conhecimento geográfico e a tecnocracia se aprofunda.

Atualizam a Geografia e se contrapõem a essa tendência as análises fenomenológicas – que dispõem sobre o espaço vivido e a percepção como momento necessário e suficiente do conhecimento – e o marxismo, que introduz a importância dos processos econômicos e na Geografia coloca a interpretação desses como processos espaciais. Com o marxismo, a regionalização apresenta dificuldades: os processos são mundiais e atravessam toda e qualquer região e a tônica é a da análise da divisão territorial do trabalho.

Novas abordagens pós-históricas e pós-modernas, ao esclarecerem a globalização e introduzirem o local, o lugar, deixam em aberto o regional, assim como o nacional; elas, porém, dispõem sobre a possibilidade de uma dialética espacial e a simultaneidade entre as contradições no e do espaço. Neste sentido, supera-se uma lógica espacial formal e se aprofunda, potencialmente, a análise materialista dialética na Geografia.

A Geografia e a Geografia Regional ganham em complexidade, mas se estende a compreensão de seus limites como campos disciplinares particulares.

O trajeto da autora é complexo, examinando várias perspectivas geográficas em um único livro. Há riscos, certamente, pois a análise avança rapidamente, introduzindo as várias correntes em Geografia; contudo, coerentemente, o texto mantém o objetivo primordial, como tese do livro: uma perspectiva histórica, superando idealismos, embora reconheça sua presença e reprodução, explicadas pelas condições reais atuantes.

Do ponto de vista de uma lógica espacial, já não se trata de decifrar os fenômenos da superfície, mas daqueles que estão nos subterrâneos, ocultos, bem como os utópicos, que ganham lugar na Geografia.

A autora não utiliza sua trajetória nesses termos, mas o livro sugere esta, bem como

outras ousadas e formas de apreensão, como leituras possíveis, pois se baseia em uma vasta bibliografia, conduzida por quem se movimenta nela com rara maturidade e desprendimento, os de quem estuda sempre e muito e transformou este objeto – a Geografia Regional – em objeto de pesquisa e ensino.

